

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL



Rui Hans de Moraes Barros

MORAIS RÊGO

1896 — 1940

Luiz Flores Morais Rêgo foi um dos elementos mais representativos da moderna geração de geólogos e geógrafos do Brasil. Espírito irrequieto, iluminado por um cérebro perspicaz, passou a curta existência preocupado intensamente com assuntos do campo da geologia e da geografia econômica do Brasil.

Diplomado pela Escola de Minas de Ouro Preto, ingressou no Serviço Geológico ao tempo em que era diretor deste o eminente Gonzaga de Campos. Com grande capacidade de assimilação e baseado no sólido preparo de matemática, física, química, mineralogia e mecânica que possuía, entregou-se a experimentações sobre os melhores métodos de combustão do carvão nacional. Logo depois passou a viajar pelo Brasil, estudando a geologia no campo e completando as observações com trabalhos de laboratório, revelando nessas experiências, grande perícia e profundos conhecimentos. Foi um dos mais brilhantes técnicos do Serviço Geológico e percorreu todas as regiões importantes do Brasil na ânsia inconstante de estudar e de conhecer.

O convívio com os terrenos sedimentares desenvolveu nele o pendor pela paleontologia assunto que, com proficiência, abordou em fase efêmera da vida. A observação da natureza fez dele um perfeito geógrafo, que só agora iria se revelar se a morte não o viesse surpreender tão depressa. Morais Rêgo, pode-se dizer, conheceu profundamente o Brasil com exceção apenas do vale amazônico. O planalto meridional lhe foi grandemente familiar; São Paulo, Paraná e Santa Catarina eram regiões de sua predileção. Sobre São Paulo escreveu muito e se tornou o maior especialista sobre a geografia e a geologia do grande Estado bandeirante. Minas foi devassada em todos os sentidos; viajou muito pela Baía e produziu um excelente trabalho sobre a zona do oeste do São Francisco. No Nordeste, examinou todas as formações geológicas de interesse especial. No meio Norte, fez reconhecimentos geológicos, sobretudo no Maranhão e na parte ocidental do Piauí. O Rio Grande do Sul, sua terra natal, foi também percorrido meticulosamente no intuito de conhecer sua jazidas metalíferas e formações de carvão.

Com os conhecimentos adquiridos na Escola de Minas onde fez curso brilhante, com a prática de análise química alcançada com assídua frequência nos laboratórios do Serviço Geológico, sob os conselhos do grande químico Theophilus Lee e com a convivência de Gonzaga de Campos e Eusébio de Oliveira, Morais Rêgo reuniu o vultoso cabedal que lhe permitiu tornar-se o técnico de formação científica mais completa do Brasil.

Depois de conhecer bem o Brasil, ingressou no magistério superior e preencheu com grande brilho a cátedra de geologia econômica da Universidade de São Paulo (Escola Politécnica).

Conhecedor perfeito do vale do São Francisco, desde as cabeceiras até a foz, escreveu um trabalho notável sob o ponto de vista geográfico, que mereceu honroso prêmio conferido pela Sociedade Capistrano de Abreu.

Morais Rêgo não teve uma formação intelectual dirigida por nenhum dos grandes espíritos com quem conviveu porque, pela grande capacidade de apreensão dos assuntos e constante desejo de manifestar pontos de vista próprios, não se acorrentava a rumos estranhos. Foi um líder nas questões da indústria mineral, do petróleo gondwânico, colaborou muito na solução do problema siderúrgico e foi um grande conhecedor das questões relacionadas com a produção de cimento Portland.

Ajudado por uma memória notável, era capaz de escrever relatórios imensos, descrevendo minuciosamente as zonas por onde passava sem tomar uma nota sequer. Era um inimigo das máquinas fotográficas, instrumento que evitava tanto quanto possível; daí a falta de documentação fotográfica original que se nota em todos os seus trabalhos de campo. Era pouco amigo dos esquemas e representações gráficas; empregando muito a descrição, às vezes em tom um tanto vago e impreciso, mas contendo quase sempre idéias profundas. Essas características emanam do temperamento nervoso de Morais Rêgo.

Em São Paulo colaborou na Associação dos Geógrafos Brasileiros e sua contribuição era sempre recebida com acatamento e apreço, mercê da grande autoridade e do grande conhecimento que tinha sobre todas as questões fundamentais da geologia e da geografia física do Brasil.

Os assuntos que mais caros lhe foram mostram a sua grande visão e abrangem os problemas econômicos essenciais ao país. — Escreveu sobre ouro, siderurgia, carvão, petróleo e cimento. Deixou inúmeras monografias sobre geologia pura, geologia econômica, paleontologia e geografia física.

Seus trabalhos de maior caráter geográfico foram: Reconhecimento geológico da parte ocidental do Estado da Baía (1926) Os recursos minerais do Estado da Baía (1930). A geologia do petróleo no Estado de São Paulo (1930). Glaciação copaleozóica no centro do Brasil (1930). Notas sobre a geologia do Território do Acre e da bacia do Javari (1930). As estruturas antigas do Brasil (1931). Ensaio sobre as montanhas do Brasil e sua gênese (1931). Notas sobre a geomorfologia de São Paulo e sua gênese (1932). As formações cenozóicas de São Paulo (1933). As jazidas de ferro do centro de Minas Gerais (1933). Contribuição ao estudo das formações pre-devonianas de São Paulo, (1933). Notas geográficas e geológicas sobre o rio Tocantins (1933). Notas sobre a geologia, a geomorfologia e os recursos minerais de Sergipe, (1933). Camadas cretáceas do sul do Brasil (1935). Comparação entre o sistema de Santa Catarina e formações do Maranhão e Piauí (1935). Considerações preliminares sobre a gênese e a distribuição dos solos do Estado de São Paulo (1935). Introdução ao trabalho "Contribuição para a geologia do Estado de Goiás" com mapa geológico (1935). Considerações gerais sobre a gênese e a taxinomia dos solos do Brasil (1935). O vale do Tocantins — Araguaia, via de acesso natural ao centro do Planalto Brasileiro, (1936). O vale do São Francisco (1936) — Notas sobre a geologia do Estado do Maranhão (1937). A geologia do Estado de São Paulo (1940).